

Sinodalidade e conversão pastoral: “por uma Igreja em saída”

Anderson Moura Amorim¹

Resumo: Nesse estudo analisaremos o sínodo como um convite à conversão e renovação pastoral e eclesial inadiável, diante da constatação de que os objetivos da evangelização não estão sendo plenamente atingidos. Desenvolvemos nossa pesquisa em três momentos: a *koinonia* e a sinodalidade na direção da Igreja; Conversão e sinodalidade; “Por uma Igreja em saída”. Acreditamos que o resultado de nossa pesquisa possa contribuir na compreensão de que a sinodalidade tem como meta buscar a conversão pastoral e a renovação missionária da ação evangelizadora de toda a Igreja.

Palavras-chave: Sinodalidade. *Koinonia*. Conversão. Igreja em saída. Pastoral

INTRODUÇÃO

O tema da sinodalidade, comum nos primeiros séculos do cristianismo, não designa um simples procedimento operativo estrutural da Igreja, mas exprime, antes de tudo, a sua natureza, como mistério de comunhão de todos com Cristo no Espírito Santo para anunciar o Evangelho do Reino. De acordo com o seu sentido etimológico, o termo grego “sínodo”, composto pela preposição σύν (*syn*, “com”), e pelo substantivo óδός (*hodos*, “caminho”), indica, literalmente, um caminho feito em conjunto pelo povo de Deus peregrino. A palavra “caminho”, por sua vez, remete a Cristo, que se apresenta a si mesmo como “caminho, verdade e vida” (Jo 14,6), e ao nome dado aos primeiros cristãos de Antioquia: “os discípulos do caminho” (At 9,2; 19, 9. 23; 22,4; 24,14.22). (CIPOLLINI, 2022, p. 27).

A sinodalidade é a dimensão constitutiva da Igreja, é “aquilo que o Senhor nos pede” e, de certa maneira, “está já tudo contido na palavra ‘sínodo’” (FRANCISCO, 2015, online). Para São João Crisóstomo, sinodalidade é “o nome do caminho que se percorre juntos (σύνοδος, *synodos*)” (CIPOLLINI, 2022, p. 42), como rebanho do Senhor pelas sendas de Deus, no qual ninguém pode ser elevado acima dos outros, mas, pelo contrário, todos vivem em uma realidade harmônica, pondo-se a serviço um dos outros como companheiros de caminho em vista da missão.

Conforme Salvador Pié-Ninot, o primeiro testemunho do uso técnico da palavra sínodo remonta a Eusébio de Cesareia (PIÉ-NINOT, 2007, p. 565) para designar assembleias eclesiais, inclusive para a assembleia eucarística (LAMPE, 1968, p. 1334s), com o intuito de discernir, à luz dos textos sagrados da bíblia e na escuta do Espírito Santo, sobre questões doutrinárias, litúrgicas e pastorais que se vão apresentando ao longo do caminho.

¹ Mestrando em Teologia pela UNICAP, bolsista PROPESP/BOLSA JESUITA. Contato: christo.moura@hotmail.com

Na história da Igreja, as experiências sinodais sempre representaram, de algum modo, a busca de conversão estrutural e pastoral, com finalidade de manter a unidade da Igreja e a eficácia de sua missão. Por essa razão, o Papa Francisco, preocupado com a infertilidade pastoral da Igreja nos tempos modernos, propõe-nos uma conversão à experiência sinodal, para que Igreja se renove na missão, levando em conta as novas realidades sociais, culturais e religiosas.

Por uma Igreja sinodal em saída missionária, termo cunhado pelo Papa Francisco na exortação apostólica *Evangelii gaudium*, é uma nova maneira de pensar juntos a realidade pastoral da Igreja de forma descentralizada e missionária, não nos moldes da época da cristandade, mas saindo em busca das periferias humanas que precisam do evangelho.

À vista disso, o presente artigo tem por finalidade analisar o sínodo/sinodalidade como um profundo convite à conversão e renovação pastoral e eclesial inadiável diante da constatação de que os objetivos da evangelização não estão sendo plenamente atingidos.

Para o propósito desta reflexão, interessa percorrer três momentos: No primeiro, ainda que muito breve, trata-se de refletir sobre o significado teológico do termo *koinonia* como expressão eclesiológica da sinodalidade; em seguida, trata-se de compreender que o sínodo exige uma profunda conversão pessoal, pastoral e eclesial; no terceiro momento, trata-se de compreender que a sinodalidade é um desenvolvimento e via de concretização para uma “Igreja em saída” decididamente missionária.

O tema da sinodalidade é de profunda atualidade, pois somos chamados, frente aos desafios internos e externos que se apresentam em nosso dia a dia, a aprender a caminhar juntos como irmãos, no diálogo e no serviço para a compreensão e a vivência da missão evangelizadora numa “Igreja em saída”.

1 A KOINONIA COMO EXPRESSÃO ECLESIOLOGICA DA SINODALIDADE

O termo *koinonia*, expressão grega utilizada para designar uma sociedade ou mesmo uma comunidade no sentido de convivência e apoio mútuo, no contexto da *polis* grega, não se trata de um simples neologismo cristão, mas elemento fundamental do mistério profundo da Igreja. A Igreja é de *Trinitate plebs adunata* (povo reunido pela Trindade) (LG, 1997, n. 2-4).

A *koinonia*, no pensamento grego, “tem sua raiz na participação de pessoas socialmente iguais na vida da *polis* e na comunidade proverbial de pessoas amigas” (BERLEJUNG; MERZ, 2011, p. 144). Diferentemente do sentido grego, o conceito de *koinonia* para o cristianismo, que é posterior ao pensamento grego, é entendido à luz dos dados da revelação de Deus que atuou e atua na história humana como Trindade². A Igreja é vista como uma comunhão com o Pai por Cristo no Espírito Santo e, com os irmãos e irmãs (ALMEIDA, 2004, pp. 175-176).

2 O três evita a solidão, supera a separação e ultrapassa a exclusão (BOFF, 1999, p. 13).

Conforme a Constituição Dogmática *Lumen gentium*, a Igreja é entendida como comunhão fundada na unidade trinitária, onde o Pai, o Filho e o Espírito Santo reúnem os homens segundo sua própria unidade:

Consumada a obra que o Pai confiara ao Filho para que ele a realizasse na terra (cf. Jo 17,4), no dia de Pentecostes foi enviado o Espírito Santo para santificar continuamente a Igreja e assim dar aos crentes acesso ao Pai, por Cristo, num só Espírito (Ef 2, 18) (LG, n. 4).

A Igreja é constituída a partir da unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo e não da mera união dos homens entre si. Assim, não é a comunhão de homens que funda a Igreja, mas a participação numa comunidade de fé que possibilita a comunhão.

Sem entrar na discussão exegética sobre os textos sagrados, a *koinonia*, na tradição bíblica, de modo particular nos escritos de Paulo, embora apareça com diversas utilizações em seus variados textos, designa o modo de “estar juntos” com Deus, através de Cristo³, como uma comunidade eucarística:

O Cálice de bênção que abençoamos, não é comunhão com o sangue de Cristo? O pão que partimos, não é comunhão com o corpo de Cristo? Já que há um único pão, nós, embora muitos, somos um só corpo, visto que todos participamos desse único pão (1Cor 10,16-17).

A comunhão, como *koinonia*, possui uma base e uma expressão sacramental, enquanto inserção no corpo do Senhor e doação ao outro. A *koinonia* possui sempre uma dimensão e uma abertura eclesiológica entre os participantes, donde se desenrola o processo de comunhão e celebração da mesma fé.

Partindo desse pressuposto, a Igreja, Corpo Místico de Cristo, como mistério de comunhão, se faz presente e se realiza na assembleia litúrgica como *koinonia* eucarística e se expressa, de modo exterior, na profissão de fé e numa vida sacramental, pautada na caridade.

A Eclesiologia de Comunhão como *koinonia* exige, apesar das diferenças entre seus membros, relações pessoais em comunidade, mas, sobretudo, atitudes concretas como expressão de um “mesmo sentir” (Rm 12, 16; 15, 5; 1Cor 1, 10; 2Cor 13, 11). Dessa forma, a Igreja, por natureza, origem e estrutura, é uma comunhão sinodal, em que os fiéis são *σύνδοι* (synodoi), companheiros de caminho em vista do bem comum.

Uma Igreja sinodal é uma Igreja participativa e corresponsável em que todos os seus membros, unidos entre si em comunhão, com a força sinérgica do *sentire cum Ecclesia* (sentir com a Igreja), mediante os seus ministérios e carismas, são chamados a “caminharemos juntos”,

3 Não se pode falar de uma comunhão com Deus em sentido genérico e, nem tampouco, como uma relação com o Pai de modo direto. Só se produz uma relação com Deus Pai por meio de Jesus, “imagem visível do Deus invisível” (Col 1, 15).

leigos, pastores, Bispo de Roma, como protagonistas da missão evangelizadora⁴. Nesse sentido, a sinodalidade é um estilo ou *modus vivendi et operandi* da Igreja, onde não há espectadores, nem público, mas todos os batizados são sujeitos e agentes.

Em comemoração do cinquentenário da instituição do Sínodo dos Bispos por Paulo VI, o Papa Francisco, no dia 17/10/2015, ofereceu uma reflexão teológica profunda e desafiadora sobre a sinodalidade da Igreja, afirmando que “o caminho da sinodalidade é precisamente o caminho que Deus espera da Igreja do terceiro milênio” (FRANCISCO, 2015, online). Para caminhar juntos, a “Igreja de hoje precisa de uma conversão à experiência sinodal. (...) para encontrar espaços e caminhos de decisão conjunta e responder aos desafios pastorais” (SINODO PAN-AMAZÔNICO, Doc. final, n. 88, online).

2 CONVERSÃO E SINODALIDADE

A sinodalidade é o esforço coletivo e a busca contínua de aprendermos a “caminhar juntos” como irmãos em vista da missão evangelizadora da Igreja. No entanto, o Papa Francisco nos alerta que o conceito de sínodo é “fácil de exprimir em palavras, mas não de ser colocado em prática”. Desse modo, a sinodalidade requer da Igreja uma constante conversão pastoral e missionária, a qual consiste em uma “renovação de mentalidade, de atitudes, de práticas e de estruturas, para ser sempre mais fiel à sua vocação” (CIPOLLINI, 2022, p. 87).

Sonho com uma opção missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal proporcionado mais à evangelização do mundo atual que à autopreservação (EG, n. 27).

A sinodalidade, como se expressa no papado de Francisco, é, na realidade, situar a Igreja no contexto do mundo para além da sacristia, com uma ‘saída’ cada vez mais missionária. Sinodalidade está associada a caminho, a não ser uma Igreja estática, centrada sobre si e autorreferencial.

Em um mundo urbanizado, marcado pelo secularismo e pelo pluralismo religioso e cultural, a conversão pastoral pensada pelo caminho sinodal, exige que alguns paradigmas ainda muito presentes na cultura eclesiástica, entre eles, o clericalismo e a insuficiente formação e valorização dos leigos, particularmente das mulheres, sejam superados porque não se adequa a uma renovada eclesiologia de comunhão.

Os sinais dos tempos e a metodologia pastoral exigem uma conversão pastoral e renovação missionária de todas as estruturas eclesiais, como aponta o documento de Aparecida:

Esta firme decisão missionária deve impregnar todas as estruturas eclesiais e todos os planos pastorais de dioceses, paróquias, comu-

4 A sinodalidade é vivida na Igreja a serviço da missão. A Igreja peregrina é, por sua natureza, missionária; ela existe para evangelizar (EN, n. 14).

nidades religiosas, movimentos e de qualquer instituição da Igreja. Nenhuma comunidade deve isentar-se de entrar decididamente, com todas as forças, nos processos constantes de renovação missionária de abandonar as ultrapassadas estruturas que já não favoreçam a transmissão da fé (DAP, n. 365).

O documento latino-americano de Aparecida, tendo presente o impacto do fator urbano sobre a vivência da fé, exprime suas principais preocupações a respeito da caminhada pastoral da Igreja e sua relação com o mundo, e propõe um novo perfil eclesial convidando todos os batizados a assumir uma conversão pastoral, capaz de fazer a passagem de uma Igreja autorreferencial, centrada em si mesma, na imensidade de doutrinas, a uma Igreja aberta, sem exclusão, em “saída missionária”.

3 UMA “IGREJA EM SAÍDA” DECIDIDAMENTE MISSIONÁRIA

“Igreja em saída” é um termo criado pelo Papa Francisco na exortação apostólica pós-sinodal *Evangelii gaudium*. Sobre o anúncio do evangelho no mundo atual. Na exortação, o pontífice apresenta as linhas basilares do seu pontificado, convocando a Igreja a uma sincera conversão pastoral, a fim de que possa superar o comodismo e o fechamento para ser uma Igreja “em saída”.

“Igreja em saída”, não é uma nova Igreja, mas um modo novo de ver a Igreja, como uma renovação eclesial inadiável, decididamente missionária, que sai da comodidade dos seus templos e tem a coragem para ir ao encontro dos afastados, principalmente entre os mais pobres e fragilizados da sociedade que precisam da luz do evangelho (EG, n.20). Francisco resgata a eclesiologia do Concílio Vaticano II, que busca dialogar com o mundo e sentir “as alegrias e esperanças, as tristezas e angústias dos pobres” (GS, n.1). Desse modo, a “Igreja não é um ‘para si’, mas um ‘para os outros’” (VELASCO, 1996, p. 429).

O Papa Francisco compreende que a missão foi uma das primeiras práticas da Igreja e jamais poderá ser colocada em segundo plano, porque faz parte da sua natureza. Nesse sentido, a “Igreja em saída” é um convite à missionariedade, a uma nova práxis eclesial, porque, “neste momento, não nos serve uma ‘simples administração’, pois não corresponde às exigências do Evangelho na atualidade (EG, n. 25).

Francisco ressalta que “sair em direção aos outros para chegar às periferias humanas não significa sair pelo mundo sem direção nem sentido” (EG, n.46), mas, antes de tudo, ser uma Igreja capaz de abrir suas portas para acolher todos aqueles que queiram entrar, sem a necessidade de uma “vistoria alfandegária”. A respeito disso, Francisco não deixa dúvidas: “a Igreja não é uma alfândega, mas a casa paterna, onde há lugar para todos com a sua vida fatigosa” (EG, n.47).

É preferível, para Francisco, “uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar as

próprias seguranças” (EG, n. 49). A Igreja em “saída”, desejada pelo Papa Francisco, significa uma Igreja que, desprovida de ostentação, seja capaz de acolher os seus fiéis e ir ao encontro daqueles que fazem a amarga experiência da exclusão e do abandono.

A missão “não exclui ninguém nem uniformiza. Ela é universal, solidária, constrói a unidade na diferença [...] acolhe a todos na comunhão” (PANAZZOLO, 2006, p. 102). Desse modo, por uma “Igreja em saída”, é um projeto inadiável da Igreja na atualidade, pois é capaz de transformar suas estruturas e sua metodologia pastoral.

CONCLUSÃO

O Papa Francisco, ao nos afirmar que “o caminho da sinodalidade é o caminho que Deus espera da Igreja do terceiro milênio” (FRANCISCO, 2015, online), propõe-nos a uma nova etapa evangelizadora da Igreja, marcada pela conversão pastoral e missionária.

A sinodalidade, comum nos primeiros séculos da Igreja, encontrou, no magistério do Papa Francisco, o desenvolvimento e a via de concretização. Devido ao avanço da cultura urbana e seus impactos na fé e em sua prática pelos fiéis, o caminho sinodal nos ajuda, por meio do discernimento no Espírito, a ter clareza da situação pastoral em que nos encontramos e “juntos”, como companheiros do caminho, buscar luzes pastorais capazes de responder aos novos desafios que se apresentam à missão evangelizadora.

Com a “Igreja em saída”, Francisco, que com afeição podemos chamar de “o Papa da esperança”, não hesita em transformar as estruturas eclesiais que tentam, a todo custo, condicionar o dinamismo missionário da Igreja. Para o Papa, a “Igreja em saída” é justamente uma Igreja de portas abertas, que tenha coragem de acolher a todos, como uma grande mãe e capaz de sair para as encruzilhadas das periferias existenciais, superando uma pastoral de mera conservação, optando por uma pastoral em chave missionária libertadora, que tenha clara opção pelos pobres e fragilizados da sociedade, centro da mensagem evangélica de Jesus.

As motivações de Francisco, por uma “Igreja em saída”, são luzes sinodais que iluminam a Igreja nos tempos atuais como um apelo de um novo modelo eclesial, à luz do evangelho de Jesus Cristo, decididamente missionária.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Antônio José. *Sois um em Cristo Jesus*. São Paulo: Paulinas; Valência: ESP. Siquem, 2004.
- BERLEJUNG, A; MERZ, A. Comunidade, Comunhão/Indivíduo. In: BERLEGUNG, A; FREVEL, C. *Dicionário de termos fundamentais do Antigo e do Novo Testamento*. São Paulo: Edições Loyola, 2011.
- BÍBLIA: *A Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002.
- BOFF, Leonardo. *A trindade e a sociedade*. 5ª edição. Petrópolis: Vozes, 1999.
- CIPOLLINI, Pedro Carlos. *Por uma Igreja sinodal: sinodalidade – tarefa de todos*. 2ª edição. São Paulo: Paulus, 2022.

CELAM. *Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. Edições CNBB, Paulinas, Paulus, 2007.

DOCUMENTOS DO CONCILIO ECUMENICO VATICANO II (1962 – 1965). *Constituição Dogmática Lumen Gentium*. São Paulo: Paulus, 1997.

DOCUMENTOS DO CONCILIO ECUMENICO VATICANO II (1962 – 1965). *Constituição Pastoral Gaudium et Spes*. São Paulo: Paulus, 1997.

FRANCISCO, Papa. *Exortação apostólica Evangelii gaudium*, Sobre o anúncio do evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus: Loyola, 2013.

FRANCISCO, Papa. *Discurso do santo padre Francisco: comemoração do cinquentenário da instituição do Sínodo dos Bispos*, 17 out. de 2015. Disponível em: Comemoração do cinquentenário da instituição do Sínodo dos Bispos (17 de outubro de 2015) | Francisco (vatican.va). Acesso em: 07 jul. 2022.

LAMPE, Geoffrey William Hugo. *A Patristic Greek Lexicon*. Oxford: Clarendon Press, 1968.

PANAZZOLO, João. *Missão para todos: introdução à missiologia*. São Paulo: Paulus, 2006.

PAULO VI, *Exortação Apostólica Evangelii nuntiandi*. São Paulo: Paulinas, 1986.

PIÉ-NINOT, S. *Eclesiología*. La sacramentalidad de la comunidad Cristiana. Salamanca: Sigueme, 2007.

SINODO PAN-AMAZÔNICO. *Documento Final do Sínodo Panamazônico*. Disponível em: Documento Final Sínodo Amazônico (synod.va). Acesso em: 12 jul. 2022.

VELASCO, Rufino. *A Igreja de Jesus: processo histórico da consciência eclesial*. Petrópolis: Vozes, 1996.